Zanthoxylum fagara (L.) Sarg.

(arruda amarela, arruda brava, mamica de cadela, mamica de porca, mamica de porca branca)

Família: Rutaceae

Sinônimos: *Fagara culantrillo, Schinus fagara, Zanthoxylum hyemale*

Endêmica: não[2]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila), Cerrado (Cerradão), Mata Atlântica (Floresta Estacional Decidual , Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila, Floresta Ombrófila Mista, Restinga), Pantanal

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A mamica de porca branca é um arbusto ou árvore com alturas variando entre 2 e 18 metros. No campo e■ facilmente reconhecida por ser arvoreta com copa rala, irregular, tronco densamente aculeado e quando os ramos sa■o cortados exalam um aroma forte e desagrada■vel (terebentina). A madeira é pesada e dura, utilizada na construção civil, carrocerias, marcenaria.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (carrocerias, esteios, poste, construção civil, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (medicinal)[1,3]

Características gerais

Porte: altura 2.0-18.0m DAP 30-50cm[8,1,3,5,4]

Cor da floração: creme[3,1,4,5,6]

Flores com cor creme-esverdeada, esverdeada, branca ou amarelada.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada[1]

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua[1,4,3,6]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Irregular[1]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Tortuoso[1]

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Seco deiscente (Folículo)[4,3]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim[1,4,3,5]

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas[11]

Áreas com inundação temporária e áreas bem drenadas, não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira[9,3,10,1]

Polinizadores: Polinização não especializada (YAMAMOTO et al., 2007). Diversos pequenos insetos (MORELLATO, 1991).[7,6]

Período de floração: abril a outubro[6,4,5]

No período de abril a setembro, floresce mais expressivamente (PIRANI, 2002). Flores de julho a agosto (SANTOS, 1998); de agosto a outubro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Zoocórica[7,6]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: janeiro a dezembro[6,5,4]

Poderá ser encontrada com frutos em praticamente todos os meses do ano (PIRANI, 2002). Com frutos em fevereiro (MORELLATO, 1991); outubro (SANTOS, 1998).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[1]

Colher os frutos quando iniciarem abertura espontânea e, em seguida, deixá-los secar ao sol para completar a liberação das sementes.

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[1]

Colocar as sementes para germinar logo que colhidas.

Produção de mudas: Canteiros[1,3]

A semeadura deve ser realizada em canteiros a pleno sol (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 40 a 60 dias[3]

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: 39000/kg[1]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[1]

Bibliografia

[1] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.2, 368 p.

[2] PIRANI, J. R. Zanthoxylum. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 25 ago. 2013.

[3] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[4] PIRANI, J. R. Rutaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: HUCITEC, 2002. v. 2, p. 281-308.

[5] SANTOS, K. dos. Flora arbustivo-arbórea do fragmento de floresta estacional semidecidual do Ribeirão Cachoeira, Campinas, SP. 1998. 266 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

[6] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[7] YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

[8] MELO, M. de F. F.; ZICKEL, C. S. Os gêneros Zanthoxylum L. e Esenbeckia Kunth (Rutaceae) no Estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 18, n.1, p. 73-90, 2004.

[9] FONSECA, R. C. B; RODRIGUES, R. R. Análise estrutural e aspectos do mosaico sucessional de uma floresta semidecídua em Botucatu, SP. Scientia Forestalis, Piracicaba, n. 57, p. 27-43, jun. 2000.

[10] LEITE, E. C; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. Revista Árvore, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.

[11] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.